

ASPECTOS EDUCACIONAIS RELACIONADOS À LEITURA: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES

Angilene Santos Nascimento¹

Simone Silveira Amorim²

Gleudson Santos da Silva³

GT8 – Espaços Educativos, Currículo e Formação Docente (Saberes e Práticas).

Resumo

O texto tem como objetivo mencionar aspectos relacionados com a leitura e suas principais características, como a importância da espontaneidade no ato de ler e a responsabilidades dos agentes envolvidos neste processo, respaldando-se em teóricos da Educação, como Spencer (1924), Dewey (1965), Fröebel (2001), dentre outros. Destacam-se aqui comportamentos que podem estimular ou prejudicar esse aprendizado, colocando a infância como uma das fases cruciais e determinantes para todo o resto da vida leitor. Com os novos paradigmas da educação, faz-se importante rever aspectos da leitura, concluindo-se que as pesquisas são taxativas ao afirmar que crianças que têm contato com a leitura maior probabilidade de se tornarem leitores assíduos desde cedo e recebem incentivos dos pais têm maior probabilidade de se tornarem leitores assíduos.

Palavras-chave: Leitura. Educação. Aprendizagem.

Abstract

The text aims at mentioning aspects of reading and its main characteristics, such as the importance of spontaneity in the act of reading and the responsibilities of stakeholders in the process, based on authors such as Spencer (1924), Dewey (1965), Fröebel (2001), among others. It is necessary to highlight behaviors that can stimulate or hinder the learning, putting childhood as one of the crucial and decisive stage for the rest of the reader's life. In short, with the new paradigms of Education, it is important to review aspects of reading, concluding that researches are clear in saying that children who have contact with reading in early ages and receive parental incentives are more likely to become assiduous readers.

Keywords: Reading. Education. Learning.

¹ Bibliotecária especialista em Gestão de pessoas. Coordenadora do Núcleo de Desenvolvimento de Coleções do Instituto Federal de Sergipe. E-mail: angilene@gmail.com

² Profa. Dra. em Educação pela Universidade Federal de Sergipe. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Tiradentes. Integrante dos Grupos de Pesquisa História da Educação no Nordeste Oitocentista (GHENO GT/SE), História das Práticas Educacionais/CNPq do Grupo de Pesquisa Núcleo de Estudos de Cultura da UFS/NECUFS. E-mail: amorim_simone@hotmail.com

³ Aluno do curso de licenciatura plena em história pela Universidade Tiradentes. Bolsista de iniciação científica pela UNIT, modalidade PIBIC/CNPq. Integrante do Grupo de Pesquisa História da Educação no Nordeste Oitocentista (GHENO-GT/SE).

1 Introdução

Ler é uma arte, uma ação que denota várias ações conjuntas: a imaginação, a criatividade, o resgate das experiências. Tanto ações introspectivas quanto externas influenciam nessa ação tantas vezes subestimada pelos pais e agentes educadores. Nesse sentido, Comenius (2002, p. 169) afirma que “nas crianças, o amor pelo estudo deve ser suscitado e avivado pelos pais, pelos professores, pela escola, pelas próprias coisas, pelo método, pelas autoridades”. Além disso, vários mitos circundam o ato da leitura, como por exemplo, de que a criança deve sempre ser direcionada a ler uma determinada obra ou que deve ler seguindo uma ordem de início, meio e fim.

No entanto, ler não pode ser uma obrigação, uma imposição ou um emaranhado de regras. Cada indivíduo tem suas peculiaridades, suas experiências, seus questionamentos e expectativas. Achar que uma determinada obra tem que despertar determinada reação ou interesse em um indivíduo é o mesmo que desejar que este goste de azul ou de cinema por serem suas preferências e não as dele.

Nesse sentido, Freire fala da sua infância de aprendizados de uma maneira simples e que privilegiava o seu mundo real, seu cotidiano, a simplicidade das coisas que o cercavam. Muitos ainda pensam que é preciso uma grande estrutura e professores renomados para se ajudar a criança, ou o jovem na sua educação e, sobretudo, no seu processo de leitura: “Fui batizado no chão do quintal de minha casa, à sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo e não do mundo maior dos meus pais. O chão foi meu quadro-negro; gravetos, o meu giz”. (FREIRE, 1988, p.11).

Portanto, é preciso desmistificar o ato de ler. É preciso dar espaço, oportunidade de escolha e de decisão para cada um. Começar a ler e não finalizar, ler pelo início ou pelo final, variar os tipos de leitura ao mesmo tempo, também, são características fundamentais para aprimorar a leitura de qualquer indivíduo, independente da idade. Não deve existir regras para o ato de ler, óbvio que determinadas leituras não cabem a determinadas idades.

O fato é que o ser humano é bio-psico-social, e espiritual, ou seja, envolto em suas complexidades, permeado por suas experiências, e peculiaridades. Segundo Cavalcanti (2008) “o ser humano está situado dentro de um contexto que o abriga, o envolve, que o influencia e é por ele influenciado”. Não se pode, portanto, esperar o mesmo resultado de todos os alunos ou submetê-los apenas ao que achamos interessante

a sua formação, sem essas prévias considerações. Alguns tipos de leituras necessitam, obviamente, de uma capacidade de discernimento que determinadas idades não as tem, neste caso especialmente, a leitura se fará incompreensível, como exemplaria inútil dar um livro sobre álgebra a uma criança de cinco anos, cuja capacidade intelectual não alcançaria o tipo de informação:

Mas não basta impor, a estimulação é um processo cuidadoso e delicado. A criança precisará ser orientada sobre qual a leitura mais indicada à sua faixa etária e os assuntos que naturalmente a interessam deverão ser o foco principal. Não basta dar o livro para que a criança leia. Acredito que o diferencial entre um adulto que foi orientado adequadamente e agregou à sua rotina o gosto pela leitura e aquele que se desinteressou quando se viu à vontade para optar por ler ou não ler, está exatamente aí: na sensibilidade de quem o acompanhou e o orientou adequadamente. (FONTES, 2002, p. 1).

Qualquer conhecimento que não leve o homem a suas análises consigo próprio, como o mundo, fica incompleta, superficial e sem real função no seu cotidiano: “Deve, também, a educação conduzir o homem a uma clara visão de si mesmo, da natureza, da sua união com Deus.” (FRÖEBEL, 2001, p.24). Esse é o primeiro passo para uma nova visão da educação, revisão de valores e novas abordagens.

Assim, o texto tem como objetivo mencionar aspectos relacionados com a leitura e suas principais características, como a importância da espontaneidade no ato de ler e a responsabilidades dos agentes envolvidos neste processo, respaldando-se em teóricos da Educação, como Spencer (1924), Dewey (1965), Fröebel (2001), dentre outros.

Sendo uma pesquisa qualitativa e bibliográfica, destaca-se aqui comportamentos que podem estimular ou prejudicar esse aprendizado, colocando a infância como uma das fases cruciais e determinantes para todo o resto da vida leitor. Com os novos paradigmas da educação, faz-se importante rever aspectos da leitura, concluindo-se que as pesquisas são taxativas ao afirmar que crianças que têm contato com a leitura desde cedo e recebem incentivos dos pais têm maior probabilidade de se tornarem leitores assíduos.

2 Educar para a sociedade: uma perspectiva

É notório que desde o início a Educação é pautada por regras, normas, diretrizes e regulamentos que, muitas vezes, impõe uma forma dita correta de se aprender e apreender as informações. Isso pode ser observado nitidamente nas sociedades atuais e em paralelo com as de antigamente. Muito da Educação atual tem influência do ensino do passado.

Quase sempre a educação teve como foco valores externos, necessidades externas, aquém às verdadeiras necessidades dos indivíduos. Algo há muito observado pelo teórico Spencer (1924, p.7) quando afirmou que “os conhecimentos que produzem o bem estar pessoal são postergados por aqueles que são mais aplaudidos.”. Assim, deixar o indivíduo desde cedo livre para aprender parece arbitrário e contraditório numa sociedade que estabelece conceitos “perfeitos” para tudo.

Quando se pondera que a educação tem sido condicionada a fatores mais externos que internos, compreende-se que com a leitura não é diferente. Antigamente os colecionadores de livros, que muitas vezes nem eram lidos, já mostravam a pretensão de mostrar à sociedade certa intelectualidade e uma postura que remetia status e poder. “[...] Se achava que as bibliotecas muito volumosas, com grandes acervos, eram sinal de status e prestígio.” (MILESI, 2002, p. 116 apud EDUVIRGES, 2012, p. 3).

Os efeitos dessa forma de educar refletem em várias do conhecimento que ficam a mercê do que já existe sem novos avanços quer na área tecnológica, médica, nas ciências como um todo que influenciam a vida do ser humano. Basta observar que hoje poucos alunos conseguem fazer uma redação com êxito, é uma das questões de maior índice de reprovação nos vestibulares e testes para trabalho, como foi observado recentemente no Exame Nacional do Ensino Médio. Não seria um reflexo nítido da forma de ensinar e da maneira como é encarado o processo de leitura desde a infância e depois como ela se estende nas outras fases da vida dessa criança?

A boa retórica, assim como a boa escrita é imprescindível nos dias atuais: “A retórica que é a arte de persuadir, e, por consequência, que é a única coisa que se acha e serve no comércio humano, e a mais necessária para ele” (VERNEY, 1991, p.45). As pessoas estão sendo cada vez chamadas a interagirem, colocarem suas ideias, confrontarem opiniões e se posicionarem diante de vários assuntos nacionais e mundiais e exporem seus pensamentos de forma coerente e coesa.

Ressalta-se, também, que os livros didáticos desempenhavam e ainda desempenham um papel de viabilização e efetivação de reformas educacionais. Desse modo, eles também se constituem um importante instrumento para divulgação do ideário educacional, levando-se em conta, nesse processo, a formação do professor e do aluno. A importância do livro didático e da sua leitura consiste na “[...] formação de hábitos, tendo a palavra impressa um ‘poder’ de transformar a realidade, já que, conforme se pensava a leitura por si só já garantia a apropriação das ideias lidas” (FARIA FILHO, 2005, p. 64).

Pode-se, então, afirmar que quem não lê com liberdade, com leveza, não realiza esse ato de verdade ou vai desenvolver muito menos do que poderia, se livre estivesse para isso. Quando se considera a diversidade de experiências que estão embutidas em cada leitor e a complexidade inerente à personalidade de cada um, fica evidente que da mesma forma não se pode criar expectativas prévia referentes a cada um destes diante de uma determinada leitura e criar atalhos para que isso aconteça, pois seria proliferar qualquer tipo de conhecimento, menos o do próprio leitor. “Abordar a leitura é, portanto, considerar, conjuntamente, a irreduzível liberdade dos leitores e os condicionamentos que pretendem refreá-la.” (CHARTIER, 1990, p.123).

Cada indivíduo vai emitir um resultado, um significado, uma resposta após o ato de ler. Até mesmo quando existe estímulo de outras pessoas e até do próprio escritor, é necessário que se deixe uma página em branco para que cada um que deseje desfrutar de uma bela leitura, quando os resultados serão descritos e nenhuma percepção pode ser considerada errada ou falha, embora as interpretações possam se aproximar mais do que o educador desejaria ou não, mas nunca ser considerada errônea. É permitido até o bovarismo, ou seja, alterar o sentido da realidade, ir além do que se lê literalmente e dá formas e conceitos individualizados a suas percepções. É provável e natural que cada escritor ao lançar um livro já saiba que sua obra ganha inúmeras versões e interpretações na mente dos seus leitores.

É importante observar que professores, teóricos e alunos possuem uma interdependência de funções individuais, ou seja, os atos desses indivíduos distintos acabam por se vincular ininterruptamente formando verdadeiras cadeias de atos a fim de que as ações de cada um cumpram o seu fim. Existe um laço que os une em prol de um objetivo comum: o ensino e a aprendizagem do indivíduo.

Assim, cada pessoa singular está realmente presa; está presa por viver em permanente dependência funcional de outras; ela é um elo nas cadeias que são elos nas cadeias que as prendem. Essas cadeias não são visíveis e tangíveis, como grilhões de ferro. São mais elásticas, mais variáveis, mais mutáveis, porém não menos fortes. E é a essa rede de funções que as pessoas desempenham umas em relação a outras, a ela e nada mais, que chamamos ‘sociedade’ (ELIAS, 1994, p. 23).

Segundo Pennac (1998) e seus “direitos imprescritíveis do leitor”, este tem o direito de não ler, de pular páginas, de não terminar de ler o livro, de reler, de ler qualquer coisa, de ler em voz alta, de ler não importa aonde, e o direito de se calar, enfatizando que o papel do bibliotecário está muito além do que é pronunciado em sala de aula e que a atitude do bibliotecário é um intermediador entre a informação e o usuário. Portanto, o livro:

[...] não é para ser lido como se lê um tratado científico – postura adotada por muitos críticos de conteúdo dos livros didáticos. Livro didático é para usar: ser carregado à escola; ser aberto; ser rabiscado [...]; ser dobrado; ser lido em voz alta em alguns trechos e em outros, em silêncio; ser copiado [...]; ser transportado de volta à casa; ser aberto de novo [...] (MUNAKATA, 1997, p. 204).

Ou seja, se o aluno pular páginas, ler em volta ou aonde achar conveniente, isso não vai influenciar negativamente, pelo contrário vai atribuir um valor significativo à atividade que está sendo feita. Pode parecer que não estará acontecendo uma interação dinâmica, mas, muito pelo contrário, acontecerá um momento de grande aproveitamento e dinamismo dessa leitura.

Esquecemo-nos que alguns “gênios” da história foram justamente aqueles que aprenderam sozinhos ou sob algumas poucas direções, até mesmo domésticas, sem grandes interferências. Citemos Paulo Freire (1988) que aprendeu suas primeiras lições no quintal de sua casa, o próprio Spencer (1924) que, contrariando a educação da época, foi em busca das respostas para as suas próprias indagações. Thomas Edison também teve uma educação doméstica:

Como se recusava a fazer as lições e a aceitar o que lhe era ensinado, os pais de Thomas Edison decidiram que a mãe passaria a cuidar de sua educação em casa. Foi por causa dessa mudança em sua vida que o pequeno Thomas Edison pôde se dedicar ainda mais à disciplina que lhe interessava: a ciência. (DUTRA, 2012).

Assim, seria coerente afirmar que ter a oportunidade de escolher e dar liberdade para essas escolhas faz uma significativa diferença. E a escolha que deveria ser tida como um privilégio é vista como empecilho para pais e educadores que já detêm seus conceitos pré-estabelecidos.

3 A melhor idade para o estímulo à leitura

O melhor momento para se aprender é durante a infância, pois é nessa fase que ocorre a maioria dos aprendizados que irão definir o adulto que ela se tornará. Por isso a importância fundamental de se tratar essa fase da vida com muita excelência e sabedoria, pois é daqui que surgirão futuros leitores ávidos ou meros reprodutores de leituras, com a capacidade criativa limitada. Há algum tempo já têm surgido discussões sobre essa necessidade de que os agentes que atuam nessa área do conhecimento se coloquem muito mais como coadjuvantes do que como protagonistas no processo de aprendizagem.

Já não existe mais respaldo para se considerar a criança como um ser desprovido de qualquer conhecimento. Para muitos teóricos esse é considerado o tempo da Educação, pois já nesse tempo a criança está aberta para todas as descobertas, sem os preconceitos e julgamentos da fase adulta, sendo mais fácil assimilar, criar, relacionar com toda verdade inerente a essa fase da vida.

Fröebel (2001, p.71) já falava sobre isso há tempos com propriedade: “o segundo período – a infância propriamente dita, a época em que o homem deve ser considerado preferencialmente como unidade – é de uma maneira especial considerado o tempo da educação.”.

Com a leitura não é diferente, ela necessita desse entendimento para ser inserida no contexto da criança nos primeiros anos de vida. Deve ser estimulada pelos pais, estes devem ler as histórias para elas até que elas tenham a capacidade de compreender e ler por si mesmas. Pois, o que for conquistado nesse período continuará a ser cultivado para o resto da vida, mas essa semente precisa ser boa e logo gerará frutos ao longo da vida deste leitor.

As pesquisas mostram que pais que leem influenciam muito na vida dos filhos para que possam vir a serem futuros leitores. Os pais têm uma importância decisiva na vida educacional de seus filhos, sobretudo no que diz respeito às leituras, ou seja, na formação deles como futuros leitores. Nesse sentido, Spencer já pontuava a

importância dos pais na vida dos filhos no que diz respeito à sua vida moral e intelectual como um todo:

Quase sempre os pais são os verdadeiros responsáveis de todos os males, dessa fraqueza, dessa depressão, dessa miséria. Encarregam-se de vigiar, hora a hora, a vida dos filhos; com um desleixo cruel não quiseram aprender coisa alguma que respeitasse aos seus processos vitais. (SPENCER, 1924, p.46).

É importante observar que tanto o exagero como a omissão são componentes fatais em vários aspetos da educação do indivíduo e não seria diferente com os aspectos relativos à leitura. Pais que sobrecarregam os filhos com uma infinidade de leituras cometem o mesmo erro que os que não só não praticam a ação de ler em casa como não estimulam de nenhuma outra forma essa criança ou esse jovem.

Mais vale o exemplo que a imposição, pois a inspiração que esses pais podem causar a esses filhos tem muito mais valor concreto do que regras estabelecidas a todo tempo. Ora, sabemos que a Educação deve estar pautada na capacidade de criar, de gerar novos conhecimentos, de interagir com o que já se sabe. Assim, se direcionamos a leitura desta criança e moldamos tudo, até a forma como esta deve ler, estaremos refreando grandes leitores em potencial.

Sabemos que, dificilmente, um adulto que não foi habituado desde criança a comer frutas e legumes, o fará quando adulto. Dificilmente um adulto que não praticou esporte desde criança, será capaz de ser um atleta grandioso. Acredito que da mesma forma acontece com a leitura. Adultos que não foram estimulados a cultivar este hábito desde a mais tenra idade, dificilmente conseguirão fazê-lo de forma natural e espontânea nesta fase do desenvolvimento. (FONTES, 2002).

Mais do que isso, é possível afirmar que o ato da leitura produz no indivíduo a habilidade de raciocinar. Dewey (1965, p.9) já frisava isso: “Mais educação significa maior capacidade de pensar, comparar e decidir com acerto e intima convicção.” Se assim procederem, pais e educadores estarão caminhando no melhor sentido possível para formar uma geração capaz de produzir com êxito conhecimentos novos, assimilar os que já existem e, conseqüentemente, não serem mais um em meio à multidão.

Salienta-se que não existem fórmulas perfeitas, mágicas ou condições ideais para se ensinar a prática da leitura, existe sim boa vontade, compreensão das reais

necessidades dos indivíduos e a possibilidade de permitir esse ambiente favorável para a disseminação do conhecimento.

4 Considerações finais

As pesquisas são taxativas em apontar os brasileiros como um povo que lê pouco em relação aos países de primeiro mundo. A pesquisa “Retratos da leitura no Brasil”, coordenada pelo Instituto Pró-Livro ao Ibope Inteligênciatem se incumbido a cada ano de trazer mais dados que possam elucidar essa questão e cada vez mais nos aproximar da realidade que cerca essa questão em que são analisadas em relação a pesquisas anteriores, a outros países, assim como em relação às políticas públicas e ações de incentivo da sociedade civil e dos governos. São inúmeras as indagações para desvendar essa questão, mas certamente várias ações em conjunto podem amenizar essa situação: pais, professores, bibliotecários, todos juntos em prol desta grande e continua ação.

É dessa simplicidade que precisamos para ajudar a humanidade a caminhar com mais autenticidade e menos mecanicismos. Porque pensar por si ultimamente tem sido um ato cada vez mais raro e pouco incentivado pelos educadores e pelos pais e isso reflete não só no quesito leitura, mas como um todo no nosso país. É mais cômodo para alguns reproduzir do que levar a pensar.

É possível afirmar que, quando todos pensam da mesma maneira, ninguém trás grandes novidades e é com essa reflexão que devemos estimular as crianças e os jovens, de maneira geral, a se enveredarem pelos caminhos da leitura sem medo de errar ou acertar. Isso vai fazer mudar, naturalmente, as pesquisas em favor do Brasil. A liberdade ou monitoramento sem grandes interferências, por assim dizer, facilita as escolhas conscientes e a relação do indivíduoem sua fase adulta com a vida e com o mundo ao seu redor, pois “não se acredita que a escola contradiz a espontânea atividade do garoto. A ação bem dirigida da escola, que fortifica as energias íntimas e espirituais dos alunos, faz com que se sintam mais livres, movam-se com maior facilidade na vida” (FROEBEL, 2001, p.87).

Essas ações devem ser em conjunto, todos juntos numa missão de incorporar essa nova realidade que exige a educação como um todo. Todos sairão ganhando com seres mais pensantes e menos teleguiados. Porque não tornar o

aprendizado da leitura mais agradável, mais dinâmico, mais envolvido com outras atividades? Será que isso não seria mais atraente e de mais fácil assimilação?

“Especialmente os educadores deveriam atentar para isso, desenvolvendo as primeiras manifestações de futuras atitudes e o talento para a música e para atividade espontânea da criança” (FROEBEL, 2001, p.54).

A educação é um processo dinâmico, que precisa ser flexível e interativo, compreender as diferenças, somar os conhecimentos e subtrair as diferenças. Com o ensino da leitura e a prática da leitura não pode ser diferente e estimular os jovens desde cedo é fundamental.

Aos pais cabe, além do incentivo, o exemplo em casa, aos educadores a continuação desse incentivo. Entender que no processo atual da educação, os agentes externos devem ser coadjuvantes porque a criança, o jovem já é um protagonista em potencial do próprio aprendizado. Intermediar difere de impor, seguindo com essa concepção será muito mais fácil semear as sementes prosperas do amanhã na vida desses futuros leitores.

Só por meio desse entendimento será possível uma nova perspectiva na arte de ensinar o estímulo a leitura, dando asas à imaginação e podendo qualquer tipo de regra desnecessário e por si só delimitador. Não basta uma ótima estrutura, professores capacitados, pais empolgados, diversos e um acervo multidisciplinar se não existir incentivo e uma liberdade corretamente administrada, é preciso respeitar as individualidades e dar espaço para a criatividade inerente a cada ser humano.

Nesse contexto todo que foi abordado no que diz respeito à leitura, é favorável lembrar o papel da Escola, das Instituições de ensino de modo geral com seus reais propósitos: “a principal tarefa da escola é ajudar o aluno a desenvolver a capacidade de construir relações e conexões entre os vários nós da imensa rede de conhecimentos” (KLEIMAN; SILVA, 1999, p.89), esse é o caminho para as reformulações que se fazem necessárias a uma educação mais consciente e menos mecânica, mais reflexiva e menos sugestiva.

Referências Bibliográficas

BRASIL. Balanço e perspectivas de pesquisa. In: **A escola e seus atores: educação e profissão docente**. PEIXOTO, Ana Maria Casassanta; PASSOS, Mauro (Orgs.). Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 13-28.

CAVALCANTI, José Gilson. **O ser humano como unidade Bio-psico-sócio-espiritual**. Disponível em: <<http://www.libertas.com.br/libertas/o-ser-humano-como-unidade-bio-psico-socio-espiritual/>> Acesso em: 16 de Abr. de 2015.

CHARTIER, Roger. **A História cultural: entre práticas e representações**. Tradução de: Maria Manuela Galhado. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

COMENIUS, John. **Didática Magna**. São Paulo, Martins fontes, 2002.

DEWEY, John. **Vida e educação: a criança e o programa escolar: interesse e esforço**. Tradução de: Anísio S. Teixeira. 5. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1965.

DUTRA, Katia. **A genialidade de Thomas Alva Edison**. 2012. Disponível em: <<http://redes.moderna.com.br/2012/09/04/a-genialidade-de-thomas-alva-edison/>>. Acesso em: 21 de Abr. 2015.

EDUVIRGES, Joelson Ramos. **O Processo de formação e desenvolvimento de coleções da Biblioteca Central da Universidade Estadual do Piauí**. In: ENCONTRO REGIONAL DE ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO, CIÊNCIA E GESTÃO DA INFORMAÇÃO - EREBD N/NE, 15, Piauí, 2012. Disponível em: < <http://rabci.org/rabci/node/367>>. Acesso em 21 de Abr. 2015.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1994.

FARIA FILHO, Luciano Mendes et all. A história da feminização do magistério no Brasil: balanço e perspectivas de pesquisa. In: **A escola e seus atores: educação e profissão docente**. PEIXOTO, Ana Maria Casassanta; PASSOS, Mauro (Orgs.). Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 13-28.

FERRARI, Márcio. **Pedagogia: Herbert Spencer. Educar para crescer**. Disponível em: <<http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/herbert-spencer-307364.shtml>> Acesso em: 12 Abr. 2015.

FONTES, Marta. **Aprendendo a gostar de ler**. Disponível em: <<http://www.aonp.org.br/fso/revista11/rev1123.htm>>. Acesso em: 11 Abr. 2015.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam**. 22. ed. São Paulo: Cortez, 1988. 80 p.

FROEBEL, Friedrich W. A. **A educação do homem**. Tradução de: Maria Helena Câmara Bastos. Passo Fundo: UPF, 2001.

KLEIMAN, Angêla B; MORAES, Silvia E. **Leitura e interdisciplinaridades**: projeto da escola. São Paulo: Mercado de Letras, 1999. (Coleção ideias sobre linguagem).

MUNAKATA, Kazumi. **Produzindo livros didáticos e paradidáticos**. 1997. 218 f. Tese (Doutorado em História e Filosofia da Educação) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1997.

PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

PLOENNES, Camila. Reflexões sobre como conquistar mais leitores.**REVISTA EDUCAÇÃO**. São Paulo, n. 186, out. 2012. Disponível em: <<http://revistaeducacao.uol.com.br/textos/186/por-que-o-brasil-ainda-le-pouco-271530-1.asp>>. Acesso em: 13 dez. 2013.

REDAÇÃO EDUCAR. Como ensinar a seu filho que ler é um prazer: dicas de como ensinar seu filho a ler todos os dias e, assim, ter amor pelos livros. **EDUCAR PARA CRESCER**. São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://revistaeducacao.uol.com.br/textos/186/por-que-o-brasil-ainda-le-pouco-271530-1.asp>>. Acesso em: 16. Dez. 2013.

SPENCER, Hebert. **Educação intelectual, moral e physica**. Tradução de: Emygdio D'Oliveira. Porto: Casa Editora Alcino Aranha, 1924.

VERNEY, Luís António. **Verdadeiro método de estudar**: cartas sobre retórica e poéticas. Lisboa: Proença, 1991.